



O FILME INFANTIL E A CULTURA DA INFÂNCIA: ONDE ESTÃO AS VOZES PARA O DEBATE SOBRE O CINEMA NA EDUCAÇÃO INFANTIL?

Maria Paula Cavalcanti Carvalho ¹
Mariana Amorim de Arruda Silva ²

RESUMO

O presente trabalho se refere à infância e seus entrelaçamentos com o cinema no contexto dos filmes infantis, pensando-se sobre as reverberações que os conteúdos cinematográficos das telas digitais podem provocar nas crianças. O estudo se apresenta como resultados parciais, pois a próxima fase da pesquisa será um estudo de caso junto a professor/a de educação infantil para refletir a sua Práxis Pedagógica diante dos filmes infantis em sala de aula. Como objetivo principal procurou-se analisar quais são os adultos que participam da facilitação de conteúdos midiáticos para as crianças, procurando saber também se esses adultos realmente cumprem um papel de tornar as crianças autoras diante do que assistem. A pesquisa é um estudo de revisão pela qual se escolheu a base de dados da CAPES periódicos para a busca de artigos, onde foi utilizado o estado da arte para o tratamento dos dados, os descritores para a busca foram Educação Infantil e Cinema, e de 104 artigos apenas dois desses corresponderam às temáticas do presente estudo. Como análise de dados utilizou-se da análise de conteúdo tomando como categorias de análise cultura da infância, mediação pedagógica, inclusão social. Por fim percebeu-se que o cinema pode enriquecer a cultura da infância, mas há necessidade de mais adultos dos contextos familiar e escolar para fazer da criança um sujeito ativo diante das telas, inscrevendo nelas desde cedo um olhar crítico e reflexivo diante do mundo.

Palavras-chave: Cinema, Filme infantil, Cultura da infância, Mediação pedagógica, Inclusão social.

INTRODUÇÃO

Falar sobre cinema dentro do escopo da educação infantil requisita ampliar uma discussão sobre o que há produzido teoricamente quanto a etapa da primeira infância e os atravessamentos da educação que a pré-escola oferece quanto a recursos midiáticos, e mesmo ainda muito pequena a criança, na educação infantil, já tem sua voz no mundo e na sua cultura que forma a infância, sendo urgente debater-se sobre como têm chegado para as crianças os recursos audiovisuais.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade de Pernambuco – UPE e Participante do grupo “A Cultura da Infância nas Políticas e Práticas Pedagógicas da Educação Infantil (GRUPEI – UPE)”, mariiapaula18carvalho@hotmail.com;

² Especialista em Educação Especial e Inclusiva (FESL) e Graduada em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco – UPE e Pesquisadora do grupo “A Cultura da Infância nas Políticas e Práticas Pedagógicas da Educação Infantil (GRUPEI – UPE)”, mariamorim56@gmail.com;



O filme é um dispositivo que provoca emoções, ativação de sentimentos e reverbera nos comportamentos e na identificação com os telespectadores. Para Lopes (2013) os quatro elementos presentes nos filmes como: imagem, palavra, som e música são responsáveis por compor o cinema de hoje, inclusive ressalta que o cinema é uma arte que influencia mais do que qualquer outra.

A escola deve fazer com que a criança, enquanto sujeito no mundo, experimente a arte, pois essa potencializa a sua subjetividade por meio da expressividade que a arte conduz ao permitir o acesso do sujeito a ele mesmo, e o desse ao mundo. De acordo com Lopes (2013, p.5):

As artes fazem parte de uma esfera das emoções que estes indivíduos necessitam de exaltar. Esta forma de educação permite ter como principais objetivos a satisfação espontânea da criança, e através da arte estes são automaticamente atingíveis, como já foi referido, a exaltação imediata no ato de expressar as suas energias pulsionais – emocionais – sentimentais e a sua criatividade propondo como via metodológica a satisfação de outras necessidades: de ação (o fazer, realizar, o recriar) e liberdade (espontaneidade, independência).

O filme infantil também pode ser considerado como arte quando a criança é tomada por ele enquanto uma possibilidade de viver uma experiência criadora junto a pais e professores, como pode ser por outro lado apenas um entretenimento se não há facilitação de adultos, logo ao pertencer à cultura midiática o filme infantil envolve por trás dos personagens intencionalidades da sociedade de consumo e cultura capitalista que provocam modos de subjetivação nas crianças.

Por outro lado, o filme infantil pode trazer muitos benefícios para a educação das crianças, porém essas desde cedo precisam que os seus professores no espaço escolar estimulem um olhar cuidadoso sobre o que está sendo consumido, e assim a criança já tendo uma bagagem de conhecimento, saberá agir com criticidade e autonomia diante do espaço midiático. A criança precisa ser estimulada na escola não de modo que esse espaço venha influenciar seu olhar, no entanto que ele possa lhe lançar desde a educação infantil no mundo da reflexão através do brincar. Froede et al. (2013, p. 27) apontam que:

Em nossa sociedade, muitas vezes, não se enxerga a vontade da criança, o seu ser, a sua subjetividade, o que pensam e o que falam, quais os seus medos, anseios e perspectivas para o futuro. O brincar favorece à criança um ambiente onde ela possa ser o que é ou aquilo que gostaria de ser, torna-se capaz de revelar suas dificuldades e alegrias, sua capacidade de criar e idealizar.

O estudo surge a partir de discussões acerca da educação de crianças através de filmes infantis, estruturando-se como um caminho a ser percorrido que questionará a



partir da revisão bibliográfica os modos de subjetivação vivenciados pelas crianças pela cultura midiática, bem como desenvolve-se para compartilhar diálogos a partir da síntese teórica sobre a experiência do filme infantil como recurso para a própria criticidade na criança quando são usados dentro da Práxis Pedagógica com a intencionalidade de tornar a criança um sujeito autônomo.

Diante disso espera-se que a pesquisa através do estado da arte provoque o desnudamento de realidades, afirmando quais são as vozes que trabalham e discutem sobre o cinema na educação infantil e se essas vozes existem é preciso entender como elas tem se posicionado para defender a cultura da infância.

METODOLOGIA

A pesquisa é do tipo qualitativa onde se escolheu como percurso metodológico o estado da arte, partindo-se da ideia de que o levantamento bibliográfico poderá fornecer significados e informações importantes sobre cinema e educação infantil mostrando nuances e atores sociais envolvidos na relação da criança com o filme infantil e acredita-se que o estudo de revisão provocará reflexões sobre as vozes que tem tomado os debates sobre os filmes infantis na primeira infância no âmbito escolar, e se existem essas vozes a literatura poderá apontar se são os pais, professores ou outros adultos comprometidos a falar sobre recursos midiáticos dentro da cultura da infância.

Esse estudo emerge como resultados parciais visto que a próxima etapa será fazer uma pesquisa de campo com professores da educação infantil para que se possa enxergar sua Práxis Pedagógica diante de filmes infantis, e nessa outra fase será realizado um estudo de caso. O presente estudo está vinculado ao grupo de pesquisa A Cultura da Infância nas Políticas e Práticas Pedagógicas na Educação Infantil da Universidade de Pernambuco - Campus Garanhuns.

A base de dados escolhida foi a CAPES - Periódicos, e utilizou-se os seguintes descritores: educação infantil; cinema encontrando-se 104 artigos no dia 22 de agosto de 2020. Com isso foi feito os processos de exclusão, utilizando-se da leitura dos resumos e palavra-chave de todos os artigos encontrados na busca escolhendo-se apenas aqueles que estivessem de acordo com a proposta da pesquisa, e somente dois artigos citaram em seu resumo e/ou palavras-chave as palavras *educação infantil* e *cinema* nesse filtro de seleção.



Os critérios de inclusão foram escolher artigos que tratassem de educação infantil e de cinema bem como considerou-se apenas estudos publicados nos últimos cinco anos.

Para a análise de dados escolheu-se a técnica de Laurence Bardin (2016) denominada análise de conteúdo de modo a estabelecer categorias e/ou elementos que direcionam a pesquisa num caminho estruturado, elencando as categorias principais da discussão.

Segundo Silva e Fossá (2015) apoiando-se nas ideias de análise de conteúdo de Laurence Bardin (2016), destacam que esse método compreende as seguintes fases descritas aqui em ordem crescente: leitura do material coletado, codificação para a formulação das categorias de análise, recorte do material em unidades de registro, estabelecimento de categorias seguindo os princípios da exclusão mútua, da homogeneidade, da pertinência da mensagem, da fertilidade e da objetividade, recorte do material em unidades de registro, agrupamento dessas unidades em categorias comuns, agrupamento progressivo das categorias, interferência e interpretação baseadas no referencial teórico.

REFERENCIAL TEÓRICO

A criança sofre as interferências do meio em que vive, concomitante ela é um sujeito ativo na sociedade e produz cultura, porque é no seu mundo de contos de fadas e super-heróis que ela recria as realidades que vive. O brincar se situa como uma ponte pela qual se pode ter acesso ao psiquismo infantil, ao passo disso à medida que brinca a criança desenvolve suas funções executivas e inúmeras habilidades necessárias para seu crescimento saudável. Segundo Froede et al. (2013, p.24):

A infância é uma fase onde a criança encontra-se em formação, desenvolvendo suas habilidades físicas, cognitivas, sociais, assim como a sua personalidade. Por isso a necessidade de enxergar a criança como um ser humano, que também tem condições de se expressar, criar e falar. Na maioria das vezes essa comunicação, acontece através do brincar. Dessa forma é importante estarmos sempre atentos às brincadeiras das crianças, pois é nesse mundo imaginário que ela cria uma realidade, onde expressa seu universo psíquico e pelo qual ele se desenvolve.

Em torno da infância há todo um cenário político e social, e quando se pensa em suas especificidades, logo, fala-se em infâncias, tomando-se esses sujeitos como construtores de sua história, identifica-se que eles têm uma subjetividade única e identidade, e se o adulto deseja entender as tonalidades do universo infantil é preciso dar importância às falas, imaginação e ao comportamento da criança na sociedade.



Froede (2013) elucida que a infância também se entrelaça em torno de uma categoria social própria, existindo a cultura da infância que dispõe de uma pluralidade de práticas sociais e modos de vida específicos às crianças, a essas devem ser observados seus pensamentos, questionamentos e o seu convívio social.

Mas para adentrar às questões e/ou processos da infância é preciso enxergar o mundo pela lente que os pequenos enxergam, não cabendo fazer juízos de valor nem formação de estigmas sobre o que é ser criança, um primeiro passo na educação de crianças começa quando os adultos se comprometem com o processo de aprendizagem, contribuindo para que o aprendiz tenha uma mente questionadora, mas para isso ele deve ser incentivado no processo educativo sendo marcado pela dimensão crítica e reflexiva que a educação inscreve no homem, com isso o aprendiz torna-se ativo diante do mundo:

Sem nenhuma intervenção do mundo real dos adultos, as crianças correm o risco de internalizarem em suas relações interpessoais, com a cultura e com a sociedade, somente os valores observados e aprendidos em seu mundo de ficção, com uma dimensão de poder estabelecida e mostrada a partir dos desenhos animados, por exemplo. São estes valores que nortearão sua vida diária, de convivência com o outro (FROEDE, 2013, p. 29).

O cinema e o filme infantil são produtores de subjetividades, à medida que suscitam desejos no sujeito, podendo reforçar seu olhar e/ou visão de mundo já existente ou introduzir e tecer novas compreensões de mundo, e ao mesmo tempo lhes permite sonhar.

Para Frequent (2007) o cinema como modo de pensar ou como máquinas de pensar convida implicitamente o telespectador a sonhar e pensar acordado com a variedade de: ideias, possibilidades, desejos, sensações, dentre outros aspectos, e quanto à experiência estética, essas podem diversificar os desejos do sujeito abrindo possibilidades reais ou fantasiadas.

Pensando ainda por essa óptica, pode-se falar também que os filmes infantis reafirmam muitas vezes os fascismos impregnados no dia a dia e acriticamente as pessoas internalizam os papéis e/ou discursos de personagens sem refletir sobre a conduta dos mesmos porque os modos de subjetivação têm cristalizado no mundo interno do ser humano desejos que não são de fato deles, mas do mundo que os rodeia. Frequent (2007, p.10) afirma:

Poderá o cinema ajudar-nos a desaprender? Quantas vezes temos nos identificado com cenas de filmes, fazendo coisas ou representando papéis que simplesmente detestamos e que adquirimos quase sem perceber, reproduzindo sem parar para pensar sobre eles? Quantos conceitos e verdades nós continuamos reproduzindo quase mecanicamente, sem fazê-las próprias, sem



sequer ter consciência de que existem outras opções das quais nunca tivemos noção, notícia ou simples curiosidade de explorar?

As obras fílmicas para além da óptica do desejo instalado no homem pode vir como uma possibilidade dele aprender com a história do filme alargando sua visão de mundo, e no caso das crianças por exemplo, essas podem se enriquecer com o filme infantil à medida que a Práxis do professor se vincula a lhes fazer apreciadoras do filme enquanto arte, ensinando aos pequenos diversos modos de se debruçar e refletir sobre as cenas e seus conteúdos.

Deste modo, as relações estabelecidas entre o cinema, a infância e a educação nos convidam a aprender sobre nós mesmos, tomando seriamente outras culturas, outros olhares, outros modos de pensar, sentir e ser. Porém não é o que estas relações afirmam sua maior contribuição, mas o que ainda questionam, inquietam e desacomodam, incitando-nos a uma busca ativa para novas e mais profundas relações. (FREQUEST, 2007, p. 15)

A prática do educador em sala de aula não deve limitar-se a esquadrihar a obra fílmica nem muito menos a enxergar o filme encapsulado em si mesmo, podendo-se fazer discussões de outros vieses que se desdobram pela reflexão de cada sujeito-receptor a partir da temática central, e nesse sentido significados e percepções de outros eixos temáticos marcam uma aprendizagem diferenciada e reflexiva na escola.

Para que se alcance a criticidade necessária e possível ao sujeito-receptor é importante que o educador, que inclui nas suas aulas o cinema, não queira somente ‘aplicar’ a ideologia à tela, ou seja, os conteúdos analítico-categoriais na obra fílmica. Desta feita o que se pretende é apreender os elementos particulares da estrutura narrativa e as sugestões temáticas, que por serem sugestões não se encerram em si mesmos, mas permitem o abrir portas diferenciadas de subtemas envolvidos em grande(s) temática(s) visualizadas e representadas pela obra em si. É importante ter clareza que o eixo temático é que direciona e dá sentido a obra fílmica, e seus temas permitem uma visualização e apropriação de elementos e subtemas menores/inferiores pensados e vistos pelo autor/produtor (PINTO, 2006, p. 3).

Quando se pensa especificamente no sujeito-receptor (criança) há muitos outros aspectos a serem trabalhados para que a experiência com o cinema no âmbito escolar seja para o fortalecimento da cultura da infância. As crianças na educação infantil, por exemplo, por estarem na primeira infância são sujeitos pelos quais muitas áreas cerebrais estão em constante desenvolvimento, mas nem por isso ela deve ser considerada um vir a ser, logo ela já é, pois a criança interfere no meio social à medida que se mostra e age, ela corporifica o que conhece-se como infância, então seu discurso e linguagem não devem ser marginalizadas, mas sim validadas, e no tocante dos filmes infantis esse sujeito



poderá aprender com o seu professor, mas também ser ator social dessa interação na leitura fílmica.

Segundo Froede (2013) debate que o filme infantil pode ser a mola-propulsora para a liberdade de criar durante a infância, mas é necessário que a criança desfrute da relação direta com o filme, com outras crianças e com ambos ao mesmo tempo, pois cada relação estabelecida traz nuances diferentes dentro da significação que ela construirá ao assistir ao filme.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estudo tem como categorias de análise: cultura da infância, mediação pedagógica, inclusão social. A cultura da infância tem suas inscrições no mundo, suas lutas e seus agentes que são as crianças que deixam sua marca por onde passam, seja pelo modo que se comportam, a mente ativa e as brincadeiras que costumam realizar, seja pelo jeito de enxergar o mundo, pela espontaneidade, ou até pelas relações construídas com os adultos a criança é responsável por instaurar sua própria cultura nos espaços geográficos. “constituídas histórica e socialmente, as culturas infantis estão imbuídas de significados provindos do imaginário infantil, das culturas de pares, da indústria cultural, dos direitos das crianças, de suas interações intergeracionais” (MULLER; FANTIN, p. 2016, 304).

Ser criança é está imerso nas possibilidades e descobertas que os espaços e o convívio com o outro provocam e a criança desde a educação infantil deve ser assegurada a viver experiências que lhe agreguem cognitivamente, emocionalmente e socialmente, sendo desde a pré-escola possível que tais sujeitos possam interagir também diante de telas digitais através dos recursos midiáticos.

Segundo Braz, Sarat e Montiel (2018) a criança por intermédio de filmes e desenhos é apresentada a processos de aprendizagem, logo, é na infância que o sujeito está aberto para novas experiências e deseja conhecer o novo. E os recursos midiáticos como os filmes de animação interagem com a criança de modo a fazer com que as mesmas se comuniquem, imitem o que veem e interiorizam as experiências a partir da sua relação com esses filmes e muitas dessas vivências ocorrem no espaço escolar.

Entende-se também que para além de mudar a configuração dos modos de relação consigo e com o outro a criança também passa por atravessamentos de culturas diversas que estão impregnadas mais amplamente no meio midiático, por exemplo. “em suas



culturas infantis, as crianças constroem significados individuais e coletivos, interagem com o mundo adulto e com elementos da cultura mais ampla” (MULLER; FANTIN, 2016, p. 307).

A Educação Infantil tem o dever de assegurar a cultura da infância e de fazer com que todas crianças tenham a possibilidade de disfrutar das mesmas experiências, independentemente de suas limitações e diferenças. Pode-se dizer também que os filmes são uma experiência cultural e para que todas as crianças aprendam com as histórias diante das telas, o processo educativo deve facilitar as discussões e fazer adaptações necessárias para que todos tenham a oportunidade de aprender.

O MEC (2006) aponta como um dos objetivos da Política Nacional de Educação Infantil é fazer com que as instituições promovam o atendimento integral da criança, considerando seus aspectos físicos, afetivo, cognitivo/linguístico, sociocultural, em suas dimensões lúdicas, artísticas e imaginárias.

A mediação pedagógica é fundamental para que o filme infantil seja explorado em toda sua potência para o desenvolvimento da criança na primeira infância, devendo o professor adotar uma postura de escuta e questionadora, procurando instigar as falas das crianças tornando-as integralmente participativas durante a análise fílmica.

De acordo com Braz, Sarat, Montiel (2018) é preciso que o educador utilize do filme com uma intencionalidade educativa, trabalhando as cenas, imagens, falas dos personagens e com isso ele possa atrelar sua estratégia de planejamento com a aprendizagem da criança, utilizando de momentos para a formação de debates e troca de opiniões junto aos pré-escolares, fazendo o uso da tecnologia assertivamente.

Ser professor/a da Educação Infantil é prestar-se a refletir as nuances que são intrínsecas a postura da criança diante do mundo, e isso exige que o profissional enxergue a criança como um todo, atentando para a infância enquanto pluralidade e analisando as potencialidades e formas específicas da criança observar o mundo, mas que não lhe lance um olhar reducionista de ingenuidade.

A proposta do MEC (2006) faz parte das diretrizes da Política Nacional de Educação Infantil afirmando que o processo pedagógico deve considerar as crianças em sua totalidade, atentado para as suas especificidades, diferenças e sua forma de conhecer o mundo através do brincar.



Ao se pensar nos tempos de hoje no qual temos o contexto infantil como nativo digital é crucial problematizar o fato do bombardeio incessante pela comunicação através das telas, e isso se dá porque na família esse comportamento é validado e os pequenos passam cada vez mais a ter que lidar com situações virtuais aleatoriamente sem propostas e/ou intenções planejadas que favoreçam seu crescimento, e se a escola tem a capacidade de fazer esse cenário diferente isso é enriquecedor. Para Braz, Sarat e Montiel (2018, p. 113):

Podemos considerar que as crianças em suas rotinas domésticas já ficam bastante tempo expostas a atividade de assistir filmes e desenhos sem uma intencionalidade, pois isso, faz parte da prática diária das crianças no ambiente familiar. O que nos possibilita refletir sobre o uso dessa tecnologia também no ambiente escolar e no caso em questão na Educação Infantil, procurando evidenciar como as práticas em sala de atividades estão sendo propostas pelos professores com o uso da prática fílmica.

Viver a experiência com o cinema na infância requer acompanhamento de adultos que exerçam a parentalidade de modo a enxergar o que a criança precisa, estabelecendo uma conexão à base da reciprocidade e envolvimento para que os pequenos explorem as culturas expostas no mundo de modo seguro e intencional por parte dos adultos.

Espaços como esses propiciaram momentos para que pais/responsáveis contassem uma história para as crianças individualmente; sentassem numa roda para participarem de uma “contação” de história organizada pela Mostra; acompanhassem a criança na compra da pipoca; ajudassem, brincassem e educassem as crianças perante esse outro espaço de convívio; comprassem livros; realizassem oficinas de látex; assistissem desenho e fotografassem as produções infantis ou autorizassem a criança a fotografar os diferentes espaços (MULLER; FANTIN, 2016, p. 310).

A inclusão social da criança pode ocorrer através dos filmes infantis, pois esses retratam conteúdos que aguçam o imaginário infantil e tratam de histórias que provocam o encantamento, e assim as crianças se identificam com as tramas contadas através das telas podendo se reconhecer nos personagens, se identificar com suas características e até mesmo sonham em ter poderes mágicos, participar de aventuras diferentes e ser o super-herói ou a princesa encantada. “os recursos midiáticos como filmes de animação também podem fazer parte dessa conversação com a cultura da infância. Independente da forma de exibição, as crianças se comunicam, imitam o que veem, e interiorizam as experiências aprendidas na infância”. (BRAZ; SARAT; MONTIEL, 2018, p. 111).

As experiências com o cinema na infância se implicam para além de servirem de momentos de diversão e descanso como muitos adultos pensam, mas os filmes infantis



podem retratar conteúdos que levam as crianças a fluir sua criatividade e conhecimentos diversos, aproximando-a de ideias, pensamentos e compreensões, bem como pode gerar nelas suas próprias construções de significados e,

Os filmes e desenhos são bem mais do que algo prazeroso que remete ao lazer apenas, eles trazem significados e conteúdo que chegam a todos que assistem, em especial as crianças que assistem repetidas vezes, por que gostam do que assistem e descobrem algo novo a cada exibição. (BRAZ; SARAT; MONTIEL, 2018, p. 122).

Precisa-se deixar claro que se a criança tem acesso a filmes infantis é porque tem adultos que facilitam esse acesso, logo, família e escola estão envolvidos nesse processo e muitas vezes a comunicação entre essas é falha.

Segundo o MEC (2006) uma das diretrizes da Política Nacional de Educação Infantil é que esta tenha função diferenciada e complementar à ação da família, envolvendo a problematização necessária sobre uma permanente e articulada comunicação entre elas.

Para que a experiência de assistir a um filme infantil não seja um momento meramente passivo, mas sim de construção de mentes pensantes e numa direção da inclusão social, é preciso que a criança esteja inserida em relações que lhe favoreçam a ter sua voz, seus gostos, seus desejos, e só assim esse sujeito lidará com os conteúdos midiáticos de forma ativa e com criticidade, porque quando a cultura do adulto (escola e família) espelha na criança a autoria, o questionamento, o posicionamento e a criatividade desde a primeira infância esta terá o aporte suficiente para se colocar diante do mundo e de saberes que são colocados prontos, modificando-os, então:

As mediações mídia-educativas podem encorajar as crianças a questionar os gostos que de certa forma lhe vão sendo “inculcados”, reafirmados ou mesmo negados. Afirmar a importância de espaços culturais para crianças de modo a considerar suas especificidades implica defender, assegurar e respeitar seus direitos. Ao favorecer outras formas de conhecer e experimentar a cultura do ponto de vista da infância, outras posturas, conhecimentos, experiências, saberes podem ser germinados. E assim, outros espetáculos e autorias vão sendo constantemente reiniciados. (MULLER; FANTIN, 2016, p. 319)

O filme pode ser a mola-propulsora para desencadear na educação infantil a formação de mentes que ressignificam o que muitas vezes chama-se de processos de subjetivação, pois estar diante de conteúdos midiáticos pode fazer com que a criança que ainda é um ser em desenvolvimento interiorize questões que venham a prejudicar seu comportamento e estabilidade emocional, fazendo surgir pensamentos distorcidos da realidade e emoções adversas, e isso acontece porque nem todos os personagens dos filmes ensinam aspectos construtivos, sem falar que os mesmos incentivam a criança a



ser consumista de produtos que o mercado vai gerando cada vez mais, e ao ter uma educação desde a pré-escola no sentido de se reconhecer enquanto sujeito de direitos, ao invés dos filmes infantis implantarem modos de subjetivação na criança, pelo contrário deixarão marcas, mas essas serão vistas com conhecimento prévio, diálogo e criticidade do sujeito que é modificado pelo meio, e assim a criança também passa a modificar o que aprende, inclusive esse processo mudará os adultos que também precisam educar o olhar para o cinema podendo acarretar na inclusão social de crianças e de seus cuidadores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança desde a primeira infância é marcada pelas interações com recursos digitais, principalmente porque ela experimenta isso nos contextos ecológicos familiar e escolar, visto que em casa é comum muitos pais disponibilizarem acesso a televisão, celular, computador, e na escola também há aulas que envolvem jogos digitais ou até mesmo filmes. Nos trabalhos selecionados da presente pesquisa ambos são direcionados ao contexto da educação infantil, e nos dois foram elencados o fato das crianças estarem sempre em comunicação com filmes infantis.

A família na maioria das vezes pelos compromissos que já possui costuma agir de forma acrítica diante da exposição recorrente dos seus filhos a filmes infantis, e não tem uma dimensão do que à exposição desses recursos sem diálogo e intencionalidade pode incidir na subjetividade e identidade dos filhos. A escola por sua vez tem o papel de atuar com uma mediação pedagógica que contribua para a criança ser um sujeito político e de autoria no mundo, e nesse estudo foi visto em um dos trabalhos encontrados que algumas práticas pedagógicas caminham para fortalecer a cultura da infância e outras atitudes do professor utilizam de cinema em sala meramente para preencher o plano escolar.

É urgente falar sobre o cinema na educação infantil, porque desde muito cedo as crianças se mostram entrelaçadas a meios digitais e esses podem ser usados para o fortalecimento da cultura da infância, mas os adultos precisam estar comprometidos em fazer uma educação para a autoria das crianças diante dos filmes. Esse estudo apresenta os resultados parciais da pesquisa, pois posteriormente será realizada uma pesquisa de campo junto a professor/a para se ter uma dimensão do seu fazer diante dos filmes infantis de modo a analisar se há vozes de adultos que lutam por práticas e/ou integram cinema e



educação infantil na rotina das crianças de forma crítica e reflexiva produzindo uma experiência criadora.

A pesquisa também convoca estudos sobre crianças, filmes infantis, escola e família que se dediquem a pensar na educação infantil onde escola e família possam firmar novas relações, pois na base de dados utilizada para a busca de artigos apenas dois dos últimos cinco anos se encaixaram nos recortes de inclusão de estudos estabelecidos, fazendo notar que não há vozes suficientes que falem sobre cinema na educação infantil e questionem sobre a subjetividade da criança dentro desse escopo.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul/dez. 2013

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro – São Paulo: Edições 70, 2016.

BRAZ, L. T. A; SARAT, M; MONTIEL, L. W. T. “O que vamos assistir hoje?: cinema e animação na pré-escola. Horizontes - **Revista de educação**, Dourados - MS, v. 6, n. 11, p. 108-125, 2018.

FREQUEST, A. Cinema, infância e educação. Disponível em:
<http://30reuniao.anped.org.br/> Último acesso: 16/08/2020

FROEDE, C. et al. Percepções de infâncias e do brincar na contemporaneidade. **Persp online: hum. & sociais aplicadas**, Campos dos Goytacazes, 8 (3), 23-34, 2013.

LOPES, J. S. M. Cinema e educação: o diálogo de duas artes. **Revista SCIAS Arte/Educação**, v. 1. n.1, 2013, p. 2-14, 2013.

MEC. **Política Nacional de Educação Infantil: pelo direito das crianças de zero a seis anos à Educação**. (2006)

MULLER, J. C; FANTIN, M. **Espaços de cultura e consumo em eventos para a criança**. **Revista educação e cultura contemporânea**, v. 13, n. 31, 2016.

PINTO, C. V. Cinema de animação - Um breve olhar entre o lazer e a diversão: formação para que? Disponível em:
<http://www.unifia.edu.br/projetorevista/edicoesanteriores/agosto09/artigos/educacao//cinemadecineanimacao.pdf> último acesso: 16/08/2020

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. **Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos**. *Qualit@s Revista Eletrônica*, vol. 17, n. 1, 2015.